



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUDMILA NUNES MOURÃO**

**(Depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-814

**Entrevistad:** Ludmila Nunes Mourão

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Goiânia (GO), durante XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte

**Entrevistadoras:** Luiza Aguiar e Suélen de Souza Andres

**Data da entrevista:** 18/09/2017

**Transcrição:** Wilian Antiqueira da Luz

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 56 minutos e 52 segundos

**Páginas Digitadas:** 17 páginas

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação; Trajetória acadêmica; Interesse do estudo sobre mulheres e gênero; Discussão de gênero na Educação Física; Espaços de formação e troca de conhecimentos; Associação ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Pós-Graduação na área da Educação Física; Considerações finais.

Porto Alegre, 18 de setembro de 2017. Entrevista com Ludmila Nunes Mourão a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Ludmila, muito obrigado por receber a gente aqui no meio do congresso<sup>1</sup>. Você nos concedeu um tempo para poder vir aqui conversar. Eu queria que você começasse contando um pouco da sua trajetória acadêmica, enfim, onde você fez sua graduação, que temas começaram a te interessar até hoje, óbvio, de forma um pouco resumida [risos].

L.M. – É um tempo grande, mas eu vou tentar falar um pouco pra vocês em... Talvez assim... Cinco momentos, né. Eu me formei na Gama Filho<sup>2</sup>, na década de 1980, especificamente em 1981. Minha trajetória depois da formação foi na escola mesmo, fiquei uns treze anos trabalhando na escola, trabalhei no município do Rio de Janeiro, na escola pública, na educação básica, escola privada também... Colégio São Marcelo, foi uma outra escola que fiquei envolvida bastante tempo, mais dez anos... E 1985 eu fui convidada pelo professor Manoel José Gomes Tubino, que era na época o diretor da Universidade Gama Filho do curso de Educação Física para... [INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]<sup>3</sup>. Para trabalhar na universidade com a disciplina de ginástica e eu aceitei... Na época éramos três colegas ingressando no curso de graduação e o nosso compromisso com o professor Tubino era o de entrar na pós-graduação. Ele tinha interesse que a gente entrasse para o corpo docente da universidade, e ao mesmo tempo, nos desafiava no sentido de assumir o compromisso de fazer o mestrado. Então esse tempo que eu fiquei na educação básica, eu entrei no ensino superior e comecei a fazer uma formação continuada. Era bem diferente de como é hoje, a gente fazia o curso em três anos e meio, era nosso tempo de formação no mestrado... Era um curso de cinco as oito da noite porque todo mundo trabalhava, eram as primeiras turmas, porque a Gama Filho foi um dos programas pioneiros. Ele não foi o primeiro programa, mas foi dos programas pioneiros... Acho que foi o segundo ou terceiro programa de formação de mestrado no Brasil... Acho que a USP<sup>4</sup>, e, por incrível que

---

<sup>1</sup> A entrevista foi realizada durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte.

<sup>2</sup> Universidade Gama Filho.

<sup>3</sup> Alguém entra na sala.

<sup>4</sup> Universidade de São Paulo.

pareça, Castelo Branco<sup>5</sup> e Gama Filho, e depois vieram as outras. Então ali eu comecei a ter contato com a pesquisa mas, vamos dizer assim, de maneira mais intensa porque o corpo docente da Gama Filho na época que eu fiz a graduação, já era um corpo docente com formação de mestrado e doutorado. A maioria deles na Educação e aqueles que tinham formação em Educação Física fora do País, que era o caso do Tubino, era o caso da Fernanda Beltrão<sup>6</sup>, que inclusive foi a primeira mulher doutora em Educação Física no Brasil, enfim... A gente tinha oportunidade de participar de pesquisas que eles desenvolviam, como aluno assim... Não no sistema de bolsista, nada disso que não existia, mas acompanhando os professores, alguns professores... Mas aí depois no mestrado foi onde realmente eu fiz minha primeira monografia, porque não existia na graduação ainda esse trabalho de conclusão, essa experiência, então era... Aprendi a fazer monografia no próprio curso [riso], os trabalhos finais da disciplina normalmente eram monográficos, então esse período foi um período de muito aprendizado na formação do mestrado para a pesquisa propriamente dita... Era algo que não ocorria na nossa formação de graduação. E fiquei mais ou menos até os anos 1990 trabalhando na graduação com essa disciplina de ginástica: introdução a ginástica e trabalhando na educação básica. Acho que 1992 eu comecei a pensar em fazer o doutorado e comecei a diminuir o ritmo na educação básica para me preparar melhor e tal... Também comecei a ter mais disciplinas na graduação. Comecei a trabalhar com prática de ensino, passei a trabalhar com a disciplina de pesquisa e isso foi me tomando mais tempo, então, foi quase que natural eu ir diminuindo o ritmo na atuação na educação básica e me dedicando mais ao ensino superior e me preparando para fazer o doutorado enfim... Quando eu entrei no doutorado... Eu entrei no doutorado em 1994, aí eu já estava praticamente deixando a educação básica... Então foram aí... eu acho um pouquinho mais de treze ou quatorze anos de atuação na educação básica, trabalhando desde a educação infantil até o ensino médio. Foi um período bem longo [risos], foi um período bem bom. E eu desenvolvi a dissertação de mestrado na área da escola mesmo, trabalhei com os discursos dos professores de Educação Física sobre a prática pedagógica... E nesse período que eu estava me preparando para o doutorado foi um período que eu atuei na Secretaria Municipal de Educação do Rio, fazendo muitos cursos de capacitação para professores de Educação Física, sabe... E isso me deu essa experiência, e me colocou diante das minhas questões para estudar o doutorado. Que me fez começar a

---

<sup>5</sup> Universidade Castelo Branco.

<sup>6</sup> Fernanda Barroso Beltrão.

deixar de pensar na escola, quer dizer, na verdade eu comecei pensando a escola, mas depois... Não é que eu tenha abandonado, mas depois eu fui entendendo o objeto, recortando melhor esse objeto de pesquisa e entendendo que não adiantava eu ficar na escola, que eu tinha que entender um pouco o papel da mulher no esporte, para responder uma questão que veio da escola, que vieram desses cursos de capacitação, em que a gente construiu um questionário pra ter um pouco de informação dos professores sobre o que oferecer para essas capacitações e não impor o que a gente achava que era importante dos professores ouvirem ou terem como conhecimento... E nessa sondagem, nós fizemos algumas perguntas sobre os alunos e foi muito impressionante porque as respostas eram de que a participação das meninas era muito baixa nas aulas, e que basicamente eles encontravam nisso aí um problema... E que eles queriam discutir isso, imagina, isso lá para trás né. E aí depois desses cursos de capacitação e tal, quando eu ingressei no programa de doutorado, que foi a primeira turma da Gama Filho, quando eles conseguiram aprovaram o doutorado. Aquilo ficou na minha cabeça, dessas capacitações, e eu pensei: “a gente precisa entender porque essas meninas estão tão de fora da disciplina de Educação Física.” E eu não fui uma aluna na escola de fora desse processo, isso não fez parte da minha vivência, ao contrário, era *super* ativa e a maioria das meninas da minha escola também. E aí comecei a ter contato com os estudos das mulheres no esporte... Aí o doutorado foi para essa área né, comecei a pensar na trajetória da mulher no esporte e fui vendo que ela era cheia de interdições, cheia de problemas, historicamente pensando essas trajetórias, então caí nos estudos das mulheres, aí saí e fui paulatinamente deixando a área escolar. Então essa trajetória foi assim... Aí dos estudos das mulheres pros estudos de gênero ... Até hoje no GTT<sup>7</sup>o pessoal comentou um pouco isso, foi muita diferença do primeiro grupo de trabalho para o segundo grupo de trabalho<sup>8</sup>, e faz a gente refletir mesmo sobre o quão a gente foi caminhando e eu acho que a segunda mesa<sup>9</sup> mostra que a gente está avançando bastante nesse ponto. E uma das críticas lá atrás é exatamente essa, que a gente fazia estudos das mulheres e não fazia estudos de gênero. Mas era isso mesmo, a gente entrou primeiro investigando os estudos das mulheres e os estudos feministas, e não tem nada de errado nisso, tem só de a gente pensar em que tempo a gente está refletindo sobre os objetos e quais são as condições e como ele nos indaga, depois os estudos de gênero

---

<sup>7</sup> Grupo de Trabalho Temático do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>8</sup> Se referindo especificamente ao GTT Gênero que iniciou suas atividades no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte em 2013.

vieram quase que nos... Na Educação Física quase que nos intimando a estudá-los. E agora uma nova intimação né, essa fala dessa segunda mesa nos dá uma nova intimação do grupo né, então precisamos estudar...

S.A. – Temos que avançar.

L.M. – Temos que avançar, então são de intimações mesmo que a gente vai se construindo, que as vezes você abre as portas e às vezes as portas são abertas para que você também seja convidada a entrar e a pensar sobre aquilo, então isso é bem estimulante. Basicamente esta foi a trajetória, eu entrei na universidade em 1985, fiquei na universidade privada até 2010, e depois fui para a pública, um pouco também desse trânsito entre instituições... Enfim, trabalhando com disciplinas pedagógicas e trabalhando com disciplinas de pesquisa e me ocupando, procurando dar algum tipo de contribuição e aprendendo bastante nessa linha de pesquisa a qual fui me dedicando e enfim, compartilhando um pouquinho com os alunos; É isso eu acho resumidamente.

L.A. – Ludmila, nesse seu momento da descoberta da questão das mulheres que você queria se atentar a isso, pesquisar isso, Tinham outras pessoas no seu entorno que vinham estudando mulheres ou gênero na área da Educação Física?

L.M. – Olha, eu não vou dizer que foi um momento pioneiro, mas foi um momento de... Eu diria que aquele momento lá atrás é mais ou menos parecido com esse momento de hoje, em que eram poucas pessoas que se interessavam pelo tema na Educação Física. Tinha Elaine Romero que já tinha escrito uma dissertação sobre... Uma tese de doutorado que era referência, a gente usava na área dos estudos das mulheres. Tinha uma professora em Viçosa, Emmy Miotim, que inclusive fez parte da minha banca de doutorado... Eu estou pensando especificamente na Educação Física, em outras áreas tinham muitas pesquisadoras, como vocês sabem, as outras áreas estão sempre muito à frente da nossa... Mas estou pensando primeiro na nossa... Emmy Miotim professora da Universidade Federal de Viçosa, tinha feito doutorado na Inglaterra, ela tinha estudado gênero na Inglaterra. Tinha a Silvana<sup>10</sup> que veio com interesse no estudo das mulheres, que foi muito

---

<sup>9</sup> Mesa interna do GTT Gênero.

<sup>10</sup> Silvana Vilodre Goellner.

próximo, um pouquinho depois, mas muito próximo... A gente já participava de congressos juntas, e fora da área, as feministas todas... No Brasil, a gente sempre estava um pouco atrás, mas não tão atrás, assim, pensando nas outras áreas, pensando na Sociologia, pensando na História, na Antropologia, na Educação, Ciências Sociais de um modo geral, então, a gente ia lendo essas mulheres. Também era muito importante a Fúlvia Rosenberg<sup>11</sup>... A gente tinha que ir lendo por aí mesmo e bebendo nessas fontes, que foi por aí que a gente foi conseguindo construir o entendimento melhor sobre o estudo das mulheres para tentar pensar as mulheres no esporte. Mulheres no trabalho, as mulheres de um modo geral para poder pensar as mulheres no esporte. E era bastante reduzido o número de pessoas que pensavam sobre isso. Muitos dizem que foi o grupo que começou a construir essa ideia na Educação Física ... Elaine Romero, Silvana, Neíse Abreu<sup>12</sup>, Eu... Tem mais gente que eu devo estar esquecendo com certeza, alguns colegas que fizeram trabalhos significativos na área, mas que não ficaram depois que escreveram alguns trabalhos importantes.... Maria Cecília<sup>13</sup>, Sebastião Votre<sup>14</sup>, Fabiano Devede<sup>15</sup>, Eustáquia Salvador<sup>16</sup>, que até está aqui e que acho que tá até voltando a pensar isso, pessoas que vão e vem né, são muito boas, pensam bem... Maria Cecília que está na federal, o José Geraldo do Carmo Salles, o Gegê, que depois fez doutorado lá na Gama também; o Gegê que escreveu alguma sobre futebol também feminino na época, alguns textos assim que iam brotando, o pessoal que estudava história vinha, a Carminha<sup>17</sup> que vai tá até no GTT, ela já escrevia sobre as mulheres, ela não estava discutindo especificamente as mulheres no esporte, mas ela trazia as questões das mulheres e a gente ia, e trocava ideias e ia se apropriando, e alguns que já tinham escrito antes né, aí quando você vai para história, você vai recuperando e vai tendo textos próprios... [INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]<sup>18</sup> Eram historiadores que sempre pautavam as questões das mulheres também, na Educação Física a gente ia para as teses de medicina que também vinham pautando as questões sobre a prática do exercício por mulheres... Talvez a gente possa estar pensando sob o ponto de vista mais de uma inauguração sistemática de uma área de estudo, entendeu? A ideia do

---

<sup>11</sup> Fúlvia Maria de Barros Mott Rosenberg.

<sup>12</sup> Neíse Gaudêncio Abreu.

<sup>13</sup> Maria Cecília de Paula Silva.

<sup>14</sup> Sebastião Josué Votre.

<sup>15</sup> Fabiano Pries Devede.

<sup>16</sup> Eustáquia Salvador de Sousa.

<sup>17</sup> Carmen Lúcia Soares.

<sup>18</sup> Interferência entrevistadoras, questão com o gravador.



pioneirismo é estar inaugurando um grupo que começa a pensar e vai avançando, não que isso não tivesse de alguma maneira sendo estudado muito antes de nós, mas pensando no estudo das mulheres... Então eu acho que na pós-graduação brasileira e na pesquisa a gente consegue sistematizar porque a gente vai ter algumas pessoas que começaram o estudo e vão dando continuidade na formação de outros, então, esse grupo vai começando a formar um coletivo que pensa o tema e isso vai se dar lá pelo final dos anos 1990. Teve a Neíse que fez uma dissertação de mestrado discutindo os meninos... A Helena<sup>19</sup> depois veio e fez outra dissertação de mestrado. A Eustáquia Salvadora foi muito importante com a dissertação dela de mestrado pensando a escola... Pensando dentro da mesma perspectiva constrói-se com a pós-graduação a formação de mestres e doutores e aí a gente sistematiza isso e vai avançando. É um pouco do resultado também que tem do próprio GTT... O próprio GTT foi isso, a gente estava dispersa um grupo de cultura, um grupo de história, até a Andrea<sup>20</sup> brinca que o grupo de história foi... Memória<sup>21</sup>... O GTT foi se esvaziando porque na realidade muitas das versões que estavam estudando essas temáticas colocavam seus trabalhos lá... Eu fico muito contente porque isso está se renovando, por vocês, muito contente porque chega uma hora que a gente vai cansando. Você já deve ter percebido isso [risos], mas está se renovando com uma qualidade muito boa. A gente pode ver que tem sangue novo que está chegando e isso é muito importante porque isso é a continuidade para a Educação Física, para o esporte. E sem nenhum corporativismo, ao contrário, porque a gente o que fez a vida inteira foi partilhar o conhecimento com outras áreas e apreender este conhecimento de outras áreas. Talvez até muito mais do que partilhar, mas nós estamos conseguindo produzir na Educação Física, que eu acho que é extremamente relevante, porque precisa que se pense dentro da área. Porque quando a gente pensa dentro da área a gente tem o compromisso com a transformação, mais ações... Você tem ótimos pensadores, mas fora da área, é muito bom para a gente estar interagindo e integrando, mas ele está ou ela está lá no campo da sua própria formação. Então acho que isso é bem importante porque as questões específicas podem estar sendo contempladas, podem estar sendo olhadas com outro tipo de crítica.

---

<sup>19</sup> Helena Altmann.

<sup>20</sup> Andrea Moreno.

<sup>21</sup> GTT Memórias da Educação Física e Esportes.

L.A. – Ludmila, você mencionou que algumas pessoas eventualmente faziam textos pontuais, alguns escreveram, se afastaram, voltaram... O que te fez permanecer? Você tem um doutorado que te provocou a pensar a questão das mulheres, mas você continuou, está até hoje pensando mulheres e gênero.

L.M. – Eu acho que a gente pode pensar que essa permanência se deu pela entrada na pós-graduação. Entrar na pós-graduação e inaugurar uma linha de pesquisa, quer dizer, ter tido a oportunidade de inaugurar uma linha de pesquisa na especificidade do doutorado terminou propiciando essa permanência, embora hoje esteja fazendo parte de uma linha de pesquisa... Então no programa que eu estou, eu praticamente falo sozinha. Uma linha de pesquisa que tenta me absorver [riso], porque mudou muito isso dentro da pós-graduação. Eu acho que hoje na verdade a gente é minoria... Nós nunca fomos maioria, mas a gente tinha muito diálogo e hoje a gente tá bem restrito, bem... Eu diria assim: embora nós estejamos fazendo uma discussão de bom tom e de bom nível, enquanto grupo que pensa o tema está difícil permanecer... Tá difícil permanecer na Educação Física e eu tenho comentado com os colegas, com os alunos. A saída de muitos colegas, a entrada em outros programas, você não consegue produzir da mesma forma, você ouviu o que o Leandro<sup>22</sup> falou aqui. É claro isso, ele vai lá e tenta uma brecha, então não dá para uma área viver de brecha. Então, resistir e permanecer tem sido um ato heroico, mas acho que necessário. Estamos conseguindo pensar as nossas questões e as nossas especificidades. Eu estaria sempre tendo que abrir mão pra estar me encaixando dentro daquilo, entendeu? Que é o que a grande maioria está fazendo, razão pela qual muitos deles não estão aqui. Porque termina que você vai pro outro congresso tão relevante quanto, leva seus trabalhos etc. De maneira nenhuma eu estou querendo dizer que a gente não pensa sob o ponto de vista entendeu... Não bebe nas outras áreas, não é isso! Mas na hora de você estudar seus próprios objetos e dar contorno a eles e tentar pensar realmente, se você não estiver falando com seus pares, isso se torna muito mais difícil. Então esse isolamento me preocupa, ao mesmo tempo que quem resiste está isolado também [riso], e esse resistir é necessário, enfim, eu acho que a gente vive uma dificuldade na área nesse sentido, mas enquanto der, a gente fica [risos].

---

<sup>22</sup> Leandro Teófilo Brito.

L.A. – Ludmila, como você percebe que circulavam as discussões de gênero no campo da Educação Física naqueles seus anos iniciais nesse campo de estudo?

L.M. – Ah, como estudo das mulheres... Inicialmente a gente começou falando de gênero e falando de mulheres, acho que o Fabiano colocou isso aqui... Isso aconteceu, é uma crítica que tem... A Silvana faz uma crítica naquele último livro, acho que foi a Priscila<sup>23</sup> que organizou em que as pesquisas estudavam as mulheres e se intitulavam estudos de gênero. Depois a gente começou a transição teórica necessária e são as reflexões necessárias... Também a crítica necessária... Bom gente, para vocês a gente pode falar: a gente está com uma primeira mesa<sup>24</sup> de hoje aqui no Congresso que faz as abordagens da temática de gênero a partir dos olhares dos anos 1990... Voltei vinte anos, isso acontece. As perguntas são as perguntas de vinte anos atrás. As perguntas das pesquisas hoje na nossa área não são mais essas. Então isso a gente... Dá pra estar debatendo? Claro, na graduação. Como é que o sujeito vai aprendendo e discutindo, mas a gente tem que trazer o que já está dito, já está dito [ênfase]. Os estudos devem partir do que já está dito, não pode ficar se repetindo... Isso tem muito da orientação, você vê que não tem orientação.

S.A. – E se percebe que é uma demanda dos alunos na graduação e que eles vão construindo, e tu vê que é um entendimento deles de quando tu inicia a estudar, que são as perguntas básicas.

L.M. – Ou seja, não tem orientação. É pra dizer: “Não, isso tá escrito aqui, tá dito aqui, já apareceu aqui”, aí a leitura vem de um texto...

S.A. – De um texto de 20 anos atrás, às vezes.

L.M. – Exato, entendeu? Mas não dá para dizer isso, mas dá pra perguntar: “Como é que chegou?” Isso dá para perguntar porque poderia ter chegado para pôster... Mas enfim, são responsabilidades nossas, né.

---

<sup>23</sup> Priscila Gomes Dorneles.

<sup>24</sup> Se referindo a trabalhos apresentados no GTT.

L.A. – E até pensando nisso, na questão de tê-los, na questão deste espaço aqui, que espaço vocês tinham para trocar essas informações? Vocês eram poucos na área, mas havia algumas outras pessoas em outras áreas... Que espaços você se apropriava, seja de revistas que buscava publicar ou ler, ou congressos, ou outros espaços que eu não estou pesando aqui.

L.M – É, os espaços dos congressos existiam. Eu me lembro muito do CBCE<sup>25</sup>, que é um congresso que a gente sempre está junto né... O CBCE ele virou um... No CBCE de Brasília dos anos 1980 teve um grande racha, na verdade o povo da Biociência foi... Os pesquisadores dessa área foram... Ficou alguma coisa de treinamento, mas que não conta como... Não contempla esse debate todo da Biociência, mas o CBCE sempre foi um espaço que a gente usou de troca, sempre foi... Até estranhei essa temática desse CBCE, “Territorialidade e diferenças regionais no Brasil e América Latina”<sup>26</sup>, um tema de conferência de abertura [INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]<sup>27</sup>. Muita literatura das outras áreas da educação, das Ciências Sociais era basicamente se você pegar os nossos trabalhos que a gente escrevia e mandava não só para livro. Livro, capítulo de livro, os trabalhos do INDESP<sup>28</sup>, lá no Ministério do Esporte quando não era Ministério do Esporte ainda, era Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte; os trabalhos do INDESP que a gente fazia e etc, a gente tinha uma literatura da Educação Física, artigos, capítulos de livros, livros de organização muito mais do que de autoria, mas também livros de autoria e sempre no contraponto com a História né... A minha tese foi uma tese na área da História, Silvana foi na área da História, e na área da História a gente tinha o Congresso História<sup>29</sup>. Esse congresso foi muito importante na nossa formação continuada enquanto evento... Eu acho que ele durou até a primeira interrupção, doze anos, se eu não estou enganada. Depois ele foi interrompido. Aí teve um em Viçosa<sup>30</sup>, foi interrompido de novo, não sei se teve outra edição, mas eu acho que teve, que eu não fui. Ele foi muito importante para gente, tem uma geração que se encontrava ali: Andrea, Silvana, Eu e outros tantos. Tô falando dos que estão aqui, próprio Gegê, era o Congresso História da Educação Física, da Dança, do

---

<sup>25</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

<sup>26</sup> Territorialidade e diferenças regionais no Brasil e América Latina: conexões com a Educação Física e Ciências do Esporte.

<sup>27</sup> Alguém entra na sala

<sup>28</sup> Instituto de Desenvolvimento Social

<sup>29</sup> Atualmente Congresso Brasileiro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física.

Esporte, esse congresso que eu estou me referindo. Ele foi muito tempo em Belo Horizonte na UFMG<sup>31</sup>. Depois é que ele deu uma circulada nesses eventos, basicamente. Muita aprendizagem nas bancas também; eu destacaria porque é um momento que a gente não faz só a leitura, mas também debate entre si, né? As bancas de mestrado, de doutorado... A gente começou a se... Os critérios já começavam a fazer com que a gente se aproximasse em alguns momentos para discutir alguns trabalhos, então, isso tem um valor muito grande e depois a gente foi amadurecendo e foi, acredito, a cada qual... O tema também, acho que o próprio tema, ele foi crescendo e tomando abrangência, participando de outros eventos. Então por exemplo, o Seminário Fazendo Gênero<sup>32</sup> que a gente tava lá... *Nossa gente* este Seminário é um grande aprendizado... A gente chega e aprende do ar que respira, as sessões que está envolvida, sempre foi assim, as palestras, as conferências e é um termômetro internacional bom para gente. Porque a gente vê o que tá circulando no mundo, tem um pouco essa ideia, então os outros conversam também, que não são da Educação Física, de fora da área nossa, muito bom [risos].

L.A. – E como é que se deu a sua associação ao CBCE e o que te estimulou, o que te motivou, quando isso aconteceu?

L.M. – *Ah* gente, isso aconteceu há muito tempo, se eu não estou enganada foi 1980... Eu não sei te dizer se eu estava no primeiro congresso do CBCE, mas talvez no segundo estivesse [risos]. Estava no primeiro, acho que foi no Rio o primeiro, e participei da organização, com o pessoal da Gama que... Os professores... Tubino e etc, que foi o pessoal da dissidência também, entendeu? Nunca mais apareceram... Não! Estou confundindo o CBCE com o congresso da AIESEP<sup>33</sup>. A AIESEP foi que a gente organizou no Rio, que era um outro evento internacional que sempre acontecia. Rio Grande do Sul organizou a AIESEP por muito tempo também, a Associação Internacional das Escolas de Educação Física entendeu, que era um congresso grande também que a gente participava... Eu estou desde o início do CBCE, dos primeiros congressos. O que me fez permanecer no CBCE? Deixa eu pensar... A gente precisa ter interlocução, nós não temos muitos eventos com essa interlocução, como no CBCE em que a gente, praticamente, somos nós, da

---

<sup>30</sup> Viçosa – Minas Gerais.

<sup>31</sup> Universidade Federal de Minas Gerais

<sup>32</sup> Seminário Internacional Fazendo Gênero.

Educação Física, que estamos construindo. Eu diria que é um evento de identidade da Educação Física, mesmo o congresso do pessoal da Biociência, não é identitário, não é porque é de outra área, é porque estão os médicos, estão os fisioterapeutas, mas não é corporativo isso que eu estou falando não, porque não acho ruim estarem não. Mas esse aqui a gente... A nossa área consegue discutir as nossas questões, as nossas carências... Tenho impressão que esse é o evento referência nacional nosso.

L.A. – E como é que você vê a questão de gênero aparecendo e transitando dentro do CBCE. E pensando tanto dentro dos CONBRACEs quanto mesmo das RBCE<sup>34</sup>, outros momentos de encontro.

L.M. – *Olha*, demorou um tempo para a gente... Estou te falando que a gente discute isso desde os anos 1990 e a gente conseguiu depois de um grande esforço eu diria acadêmico, de mostrar como essas pesquisas estavam espalhadas no GTT da Escola, um pouco no GTT da Cultura, no GTT da Memória, as pesquisas que reuniam essa temática. Em um determinado momento a gente conseguiu fazer com que esse GTT fosse aprovado. Isso demorou bastante, eu acho que demorou quase dez anos, uns cinco encontros, se não estou enganada. Reivindicações que começaram menos burocráticas e documentais depois foram sendo documentadas, mas é uma temática emergente, acredito que as temáticas emergentes sejam assim, acho que ainda tem o GTT de Movimento Sociais, a gente ia para o GT de Movimentos Sociais...

L.A. – Esse era o principal GTT que você optava, ou havia...

L.M. – Não, eu estava sempre com trabalho espalhado, no Movimento Social, na História, Memória, Movimento Social e Corpo e Cultura, basicamente. A Helena estava sempre na Escola, então tá espalhado assim e foi reunindo. O Fabiano tava sempre no Memória também, porque também tem essa característica... Tava na escola também, também tinha essa característica, enfim, a gente ficava circulando em alguns GTTs até que...

---

<sup>33</sup> Associação Internacional de Escolas de Educação Física

<sup>34</sup> Revista Brasileira de Ciência do Esporte.

L.A. – E você poderia falar um pouco mais desse processo de reivindicação da constituição do GTT, como é que sucedeu aqui dentro, o que você acompanhou...

L.M. – *Olha*, eu me lembro bem, vou falar do que eu me lembro bem que eu acompanhei bem de perto, acompanhei de perto... Foi no CONBRACE<sup>35</sup> que foi na Federal do Rio Grande do Sul. Eu acho que esse congresso foi o congresso que nós enquanto grupo, fizemos um abaixo assinado, pautamos uma ementa, [TRECHO INAUDÍVEL], fizemos um mapeamento dos trabalhos da área: “*olha só a quantidade de trabalhos espalhados por tais GTs*”... Para mim ali foi o divisor de águas, depois é a reapresentação daquilo que foi ali...

L.A. – No de Brasília... Não Brasília não, se é seis anos, não seria o de Brasília...

L.M. – 2011...

L.A. – Foi anterior ao de Brasília, 2009 foi Porto Alegre...

L.M. – Em Porto Alegre foi enviado. Aí depois no outro foi aprovado. Em 2011, foi aprovado. Aí em 2013... Não, foi aprovado em 2013. Aí 2015 a gente fez o primeiro e 2017... Foi aprovado em 2013, não me lembro onde é que...

L.A. – 2013 foi Brasília

L.M. – Foi Brasília! Foi aprovado em 2013 em Brasília. Mas isso começou em 2009... Não, começou não, em 2009... 2011 foi Rio Grande do Sul, foi 2009... Pois é, 2011 ainda não foi aprovado entendeu e 2007 a gente já estava com um movimento forte e se eu não estou enganada em 2005 isso já estava sendo ventilado, então é de 2005 para 2013, oito anos.

L.A. – E você se lembra dos principais argumentos contrários a criação desse GTT?

---

<sup>35</sup> Congresso Brasileiro e Ciências do Esporte.

L.M. – Não, não me lembro. Mas eu acho que o pessoal resiste, o pessoal confunde com política, confunde com... sabe? Eu acho que pensa que não vai se sustentar enquanto uma área de pesquisa, entendeu? Talvez o conhecimento, ele seja um conhecimento transversal, entendeu? Ele não seja um conhecimento de objeto realmente da área, que ele transversalize a área. Eu acho que esses argumentos estavam presentes sim, embora não tenha tanta clareza do que eu estou te falando aqui, entendeu? Mas eu acredito que seja realmente desconfiança da sustentação dos pesquisadores da área, por isso eu estou tão otimista com relação ao fortalecimento do grupo e achando que isso é muito importante porque o ideal é que seja... Que a gente consiga manter com esse nível de debate forte, etc... Participação, estou sempre presente e sempre tentando trazer sustentabilidade,

L.A. – Se fazer presente.

L.M. – *Certo*, porque a gente sabe o quanto isso é importante, *tá legal*, carreguei, trouxe, tal... Falei para vocês: “Deixa o João ir lá, o João foi, *beleza*, a gente vai”... mas é como a gente mantém...

L.A. – E puxando um pouco essa “deixa” dessa renovação e da qualidade que a gente tem identificado, que mudanças que você identificaria em termo de novos conceitos, de novos aportes teóricos, temáticas, metodologias que você consegue observar ao longo da sua trajetória?

L.M. – Eu acho que tem alguns enfrentamentos importantes temáticos que foram colocados de certa forma hoje... Durante algum tempo eu acho que alguns pesquisadores não quiseram trazer esses temas. Não era porque eles não sabiam que existiam não...Decisão de não querer abordar...E novos pesquisadores estão trazendo, o que é ótimo, que eles são necessários de serem enfrentados, observar as lacunas nesse sentido. Então eu acho que essa temática da Teoria Queer é uma delas. Nós temos muitas vezes problemas de leitura e de tradução, eu acho que isso é uma coisa que a gente tem que enfrentar mesmo, dizer. E outra coisa que é importante: além da barreira da língua, muitas vezes existe a barreira da área, você tem que entender a filosofia... Você para entender, vamos combinar... O Leandro foi para a Filosofia, se ele não for para a Filosofia, ele não vai conseguir ter essa clareza. É difícil gente, você precisa ter conhecimento filosófico de base, você não é



filósofo... Então eu acho que tem algumas coisas que são muito importantes de serem ditas e discutidas, ao invés da gente estar pondo sujeira para debaixo do tapete, não podemos fazer isso, então... Nós estamos fazendo um esforço para absorver essas novas leituras e podermos trabalhar com os nossos alunos de mestrado e doutorado, sobretudo. Não dá nem para ter esse aporte de graduação; eu não entrei nessa discussão aqui, mas vamos combinar, *gente*, vamos combinar que o que foi discutido nessa segunda mesa não vai para a graduação *mesmo!*

L.A. – Não dão conta...

L.M. – *Gente! Faz o favor!*

L.A. – Ciências Sociais *vá lá*, Educação Física...

L.M. – Vai para a graduação na Sociologia, na Filosofia, não vai na Educação Física *gente*, *que isso?* Eu até estranhei e não falei, não vou desanimar a galera não [risos].

L.A. – A gente tem lá a disciplina, é o bê-á-bá, e o bê-á-bá eles não dão conta...

L.M. – *Não dão conta* de entender... Você pega aqueles textos mais simples e ainda assim há uma dificuldade muito grande porque a matriz teórica é da Biociência. No meu curso é assim: o cara tem duas ou três disciplinas para pensar diferente e não é suficiente para conseguir fazer com que ele perceba determinadas coisas. Pode ser que eu esteja em uma realidade muito diferente das demais, mas é isso que eu tenho lá em Juiz de Fora, quer dizer...

L.A. – Que não é um lugar escondido...

L.M. – Que não está no meio do nada, enfim, eu acho que a gente tem que enfrentar determinados temas, tem que avançar nesse sentido, tem que ter uma cabeça de desconstrução mesmo, de determinados entendimentos da nossa área e isso é uma atenção e uma luta constante, que enquanto a gente está falando disso, os outros todos estão falando o oposto do que a gente está falando. Tá dizendo que é no sexo que está fundada a

diferença... Ele está falando o oposto, e normalmente é a maioria que está falando o oposto, trabalhando com essas teorias no oposto. A nossa área é assim, então, a gente fica ainda extremamente fragilizado, às vezes até folclórico para um aluno ouvir a gente falar de coisas e ele não consegue entender... E não só sob o ponto de vista dos objetos e das teorias, mas também das metodologias. O que é ciência e o que é pesquisa, então o cara chega e fala: “Mas como?” Você usou o *Snowball*<sup>36</sup> aqui, alguém falou disso hoje, você usou o *Snowball*, aí você fala de um *Snowball* com vinte ou com quinze informantes, os caras né... E às vezes ainda vai para o nosso dado, e o nosso dado valorizado é um dado aonde três estiveram e não os quinze [risos] o cara ainda fica mais inconformado ainda, porque ele está sendo educado com um olhar e uma atenção totalmente diferente, entendeu? Então é bem difícil para nós e nesse sentido a gente compete com todos esses, no bom sentido, com todas essas formas de educar. Não só para a pesquisa, mas também para entender o que é o gênero, o que é isso. A *Teoria Queer* para muita gente, é difícil, eu não considero fácil não.

L.A. – Ludmila, tem alguma coisa que a gente não te perguntou que você gostaria de destacar sobre a sua trajetória, da relação com o CBCE, a questão da formação do GTT ou algum outro tema que você acha importante?

L.M. – *Não*, acho que vocês cumpriram com tudo, acho que foi essa construção... Não citei Fabiano. O Fabiano vem um pouco depois, mas também é um pesquisador que vem da história das mulheres, que começou na natação, trazendo a história das mulheres na natação, mas também tem uma contribuição grande; o Votre teve uma contribuição grande também, que inclusive foi meu orientador na tese de doutorado... Estou tentando pensar dentro lá do programa que eu estava, nos ajudou a compreender muita coisa, o próprio Hugo Lovisolo<sup>37</sup> na época, foram pessoas que nos ajudaram a entender muita coisa... Quando a Silvana foi para a UNICAMP<sup>38</sup>, eu acredito que lá ela tenha tido também interlocuções importantes fora da área, que são muito importantes para a gente mesmo, que eu acho que nos deu assim, um outro olhar, um outro entendimento, então, eu acho que é isso, vocês fizeram boas perguntas, acho que recuperaram bastante, é isso.

---

<sup>36</sup> Uma técnica para recrutamento de colaboradores na pesquisa.

<sup>37</sup> Hugo Rodolfo Lovisolo.

<sup>38</sup> Universidade Estadual de Campinas – São Paulo.

L.A. – Só puxando essa deixa, teve algum pesquisador que seja de fora da área do Brasil ou de fora foi alguém que você se apoiou com mais força naquele momento do doutorado?

L.M. – Doutorado foram essas mulheres que eu te falei, essas feministas, e eu vou te dizer, foi uma outra coisa que nós percebemos também, que nós tínhamos que olhar um pouco para a literatura. Eu descobri isso só no doutorado, olhar um pouco para a literatura, olhar um pouco para o cinema, olhar um pouco para outras áreas para vir a entender as questões das mulheres para a arte. Tanto é que a própria Silvana foi estudar as imagens, um pouco da arte, da estética, então eu acho que esse foi algo que a gente... Eu explorei um pouco mais a literatura, agora eu achei essa professora falando das Chiquinha Gonzaga<sup>39</sup>, achei bem interessante porque nós fomos para as pioneiras entendeu, Nísia Floresta<sup>40</sup>, fomos entender essas mulheres pioneiras para entender esse processo de construção da condição da emancipação feminina, então, ela agora estudando a Chiquinha Gonzaga, como alguém da dança... A Chiquinha Gonzaga, por exemplo, para a gente era um ícone. A gente trazia para as nossas teses, embora falando de esporte etc, mas não importa, a gente foi entender outros estudos, outras histórias, essas mulheres. Então foi muito por aí, por essa... Mas não me envolvi com movimentos sociais e feministas durante esta trajetória, não fui alguém... Aliás a Educação Física não se envolve.

L.A. – Você consegue ter alguma interpretação com relação...

L.M. – Não sei porque, mas não se envolveu. A Educação Física não se envolveu. Se você observar ninguém da Educação Física se envolveu com esses movimentos sociais. A gente vai ao Fazendo Gênero e tem isso claro. E mulheres *importantíssimas*, acadêmicas *importantíssimas* se envolveram com isso, *importantíssimas*, de ponta nas outras áreas, a Educação Física não se envolveu, nem se envolve hoje.

L.A. – É, também não percebo muito isso não, não acho que é uma questão da sua geração não, a que está chegando também não é muito... Se destacada.

---

<sup>39</sup> Francisca Edwiges Neves Gonzaga.

<sup>40</sup> Nísia Floresta Brasileira Augusta.

L.M. – É, e alguns temas que eles custaram a ser mais abordados exatamente por isso, é só uma intuição, porque eles pareciam temas... Mas é só uma intuição.

L.A. – Ludmila *muitíssimo* obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]